



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Rasera, Emerson F.; Japur, Marisa  
Contribuições do Pensamento Construcionista para o Estudo da Prática Grupal  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 201-209  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814117>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Contribuições do Pensamento Construcionista para o Estudo da Prática Grupal

Emerson F. Rasera

Marisa Japur<sup>1 2</sup>

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

## Resumo

O construcionismo, como forma de elaboração da crise paradigmática que têm vivido as ciências humanas, reconstrói concepções sobre a produção do conhecimento e os processos psicoterápicos. Neste artigo, buscaremos compreender os processos relacionais e a centralidade da linguagem promovidas pelo construcionismo transformando a prática grupal. Através de um exemplo empírico, apontaremos algumas implicações metodológicas da aplicação do pensamento construcionista ao estudo da prática grupal, tais como a explicitação do caráter construído do grupo, a negociação, a perspectiva discursiva de construção da pessoa e a conseqüente redefinição da identidade e das delimitações sociais destes processos grupais. Finalizamos o artigo indicando outros desdobramentos necessários ao desenvolvimento destas contribuições aos estudos dos grupos.

*Palavras-chave:* Construcionismo; psicoterapia de grupo; metodologia qualitativa.

## Constructionist's Contributions for the Study of Group Work

## Abstract

Social constructionism, as a human sciences paradigmatic crisis elaboration, rebuilds some conceptions of knowledge and psychotherapeutic processes. In this article, we point out how the emphasis on the relational processes and of language promoted by constructionism change the study of group work. Using an empirical example, we point out the methodological implications of constructionist assumptions for the study of group work, as i) the construction of the group and its negotiating process, ii) the discursive approach of person construction and the consequent redefinition of identity and iii) the social constraints of group processes. We conclude this article pointing out the methodological developments necessary to unfold these contributions to group study.

*Keywords:* Constructionism; group psychotherapy; qualitative research.

## O Construcionismo

O construcionismo, situado como uma forma específica de elaboração da crise paradigmática enfrentada pela ciência nas últimas décadas, tem desenvolvido um novo arcabouço teórico baseado em uma concepção não

uma nova agenda de pesquisas e transformações - produzidas pela Escola de Frankfurt, e do movimento retórica-literária pós-estruturalista da sociologia do conhecimento.

Para ele (Gergen, 1997), os seguintes pressupostos são centrais para uma perspectiva construcionista do conhecimento:

a) As descrições do mundo não guardam correspondência com uma realidade situada para além das formas de dizê-la, mas são elas próprias maneiras de construção desta realidade.

b) As descrições sobre o mundo são resultado da coordenação da ação humana, ou seja, dos significados construídos em relacionamentos. Estas descrições são produtos de trocas historicamente situadas entre as pessoas. Desta maneira, a possibilidade lógica de inúmeras formas de descrição da realidade é limitada pelas condições concretas das construções histórico-culturais dos sistemas de significação.

c) A permanência de determinadas descrições do mundo ao longo do tempo depende das vicissitudes dos processos sociais de negociação, comunicação, conflito e consenso, existentes em uma comunidade lingüística, e não de sua validade objetiva.

d) A linguagem deriva sua significação a partir das formas pelas quais funciona no interior de certos padrões de relacionamentos. Ou seja, o significado das palavras é decorrente do seu uso social, das formas pelas quais são utilizadas nos relacionamentos existentes.

e) Determinadas ‘comunidades de inteligibilidade’ podem produzir avaliações a respeito da credibilidade e aceitabilidade de certas afirmações a partir dos relacionamentos que as constituem. Contudo, os critérios de validade aí existentes não possibilitam a auto-avaliação, nem a avaliação do impacto de certos conjuntos de afirmações em outras comunidades próximas. Faz-se necessário então avaliar criticamente as diversas inteligibilidades a partir de uma outra posição, explorando seu impacto na cultura. A partir do momento que tais avaliações possam ser absorvidas pelas comunidades avaliadas, novas formas de diálogo entre diferentes comunidades serão produzidas.

dicotomia sujeito-objeto. Como teríamos entendido que ele produz um questionamento da natureza do real, impondo uma nova verdade que vem a ser a verdade e a objetividade repensadas a partir de critérios éticos e de inteligibilidade, rigor e consequência do conhecimento gerado. Estes pressupostos representam, portanto, uma visão de ciência enquanto construção histórica, questionando uma retórica objetivista, universalizante e aistórica.

### A Centralidade da Linguagem

Uma outra implicação da perspectiva construcionista é privilegiar o estudo da linguagem enquanto constituinte de práticas sociais, em vez de focar sobre a produção do conhecimento, deixando de focalizar o estudo da mente. A linguagem é considerada como atividade social e sua análise deve focalizar o relacionamento entre as pessoas, e não o indivíduo, como produto da linguagem e do entendimento. Segundo Gergen (1997), a coordenação relacional, [que] nasce e se desenvolve através da linguagem nós adquirimos significado e de nos fazermos inteligíveis. O relacionamento social é então o indivíduo como unidade funcional da vida social” (Gergen, 1997, p. 253).

De acordo com esta forma de conceber o conhecimento, é através dos momentos interativos entre as pessoas que elas têm que continuamente reagem e se ajustam, espontânea e praticamente, através de uma linguagem ativa e responsiva, que se poderá compreender como as pessoas se constroem. A ênfase é posta no processo de conhecer e responder ativamente as necessidades das pessoas.

Esta visão da produção do significado enfatiza a relação com o outro, como fundamento da vida humana. Nas palavras de Bakhtin (1986):

“Ser significa comunicar... ser significar é comunicar... Ser significa comunicar... ser significar é comunicar...”

quando outros adicionam alguma forma de ação suplementar, linguística ou não. Não se trata de uma relação de ação-reação, mas de ação conjunta.

c) A suplementação, por um lado, garante um potencial de significação para o enunciado, fazendo-o significar de uma forma específica, mostrando sua diferença em relação a outro significado. Por outro lado, ao significar de uma maneira dentre as possíveis, a suplementação delimita a significação cerceando seu potencial.

d) Uma suplementação não fixa determinado significado, tendo apenas um caráter temporário, estando sujeita a uma nova suplementação. Isto faz com que uma suplementação esteja aberta a novas significações em um processo de negociação de um relacionamento do qual esta ação de suplementação faz parte.

e) O processo de significação não é determinado apenas pela relação imediata entre as pessoas que ‘produzem sentido’, mas pelo conjunto de outros relacionamentos dos quais estas pessoas participam e já participaram. À medida que nos comunicamos com pessoas com as quais não nos relacionávamos, estas passam a suplementar nossos padrões de relacionamento, modificando potencialmente os sentidos aí construídos. A potencialidade de significação está referida, em última instância, às condições relacionais da sociedade em que vivemos.

f) As ações têm significado dentro de seqüências relativamente estruturadas. Assim, as pessoas desenvolvem uma ‘ontologia’ à medida que compartilham determinadas descrições do mundo que levam à coordenação das ações aí pertinentes e que possibilitam, então, a continuidade de seus relacionamentos. Trata-se de uma ontologia relacional, marcada por um conjunto de definições comuns que orientam expectativas e permitem ações congruentes.

g) Tendo apontado como a coordenação das ações, as ontologias e portanto o entendimento entre as pessoas se desenvolvem, é importante também entender como

ressignificam relacionamentos. A potencialidade para novas significações de ações, traz consigo a diferença do entendimento. O processo de cultura, ao produzir ao mesmo tempo dispersão de sentidos, gera de um lado o entendimento e do outro o desentendimento e desentendimento.

### **A Produção do *Self***

Esta teoria relacional e do significado tem implicações para a definição do eu, à produção do *self*. É considerado “uma expressão da linguagem e da narração” (Anderson, 1996, p.195). Para o construcionismo, o *self* é compreendido como algo estabelecido no interior do ser humano, através de um processo narrativo. Ou seja, “o *self* é produzido pelos outros e a nós mesmos”. Os outros narram para nós e se *self* é produzido por outros (Anderson, 1996, p. 195). O *self* é uma estrutura pessoal privada, mas também é um discurso que ocorre publicamente.

Assim, ao deslocarmos nos para o processo de comunicação, para o processo de conversação, o *self* emerge como uma estrutura relacional. Isto é, algo que se estabelece em relacionamentos, naquilo que é comum a duas ou mais pessoas juntas e, portanto, delimitado por esses relacionamentos. Marca-se entre o possível e outros impedidos e o que as pessoas fazem juntas que determinam linhas de ação e de reação. De acordo com Gergen “(...) a narrativa do *self* é linguístico fixado em seqüências de ações empregadas nos relacionamentos. O *self* promove ou impede diversas

precisa tanto aceitar a descrição a respeito de si mesmo, bem como o lugar reservado a ele nesta narrativa. Cria-se assim, socialmente, uma ‘rede de identidades recíprocas’, cuja trama sensível pode ser mudada assim que qualquer um dos participantes se modifica. Deste ponto de vista, uma identidade nunca é individual, mas dependente de um conjunto de relacionamentos (Gergen, 1997).

Esta co-autoria na produção do *self* através da conversação nos aproxima de um outro conceito que versa sobre as implicações identitárias de determinados sentidos produzidos nas interações, ou seja, de como o *self* é produzido discursivamente. Este conceito é o de posicionamento. Desta perspectiva, “(...) um indivíduo emerge através dos processo de interação social, não como um produto final relativamente fixo, mas como alguém, que é constituído e reconstituído através das práticas discursivas nas quais participa” (Davies & Harré, 1990, p. 46).

Há assim, uma multiplicidade de selves, coerentes e contraditórios, que são articulados por nós em cada momento segundo as exigências de uma conversa. A cada conversação, ao fazer escolhas ativas entre demandas muitas vezes contraditórias, buscamos recortar a diversidade que nos constitui para a produção de uma história de nós mesmos que é unitária e consistente. Nesta busca nos apoiamos no significado emocional das posições possíveis, nas estórias através das quais determinadas categorias e emoções fazem sentido e no sistema moral que legitima tais escolhas (Davies & Harré, 1990). Não há uma história de vida única a ser contada.

Contudo, há uma demanda cultural para uma narrativa de *self* estável. Em determinadas negociações da vida social é necessário fazer-se compreender como portador de uma identidade coerente, integrada e durável. A identidade pessoal, assim, é resultado dos relacionamentos que a exigem. Em termos narrativos, as pessoas podem se apresentar de diferentes formas dependendo do contexto relacional, tendo muitas vezes que produzir

dinâmica da trama de relacionamentos a qual a pessoa está inserida.

### A Psicoterapia Construcionista

O construcionismo se faz presente na psicoterapia a partir de uma série de críticas que impregnaram e ainda impregnam a intervenção em saúde mental. Entre elas podemos apontar, segundo McNamee (1997), o reconhecimento de vieses ideológicos das práticas psicoterápicas que atuam no determinado status quo; o deslocamento do indivíduo como centro de disfunções para o funcionamento das unidades familiares e dos contextos sociais mais amplos na definição de ‘patologia individual’; a desconstrução das pressuposições do terapeuta na construção de uma realidade e da interpretação terapêutica; e o questionamento das abordagens feministas e de ex-pacientes de probabilidade de respeito da opressão e da objetificação por sistemas de classificação de doenças.

A partir destas várias críticas surgiram as abordagens socioconstrucionistas, ligadas ao pós-moderno, vêm promover uma redefinição da operação da psicoterapia. Segundo Gergen (1997), as mudanças estão referidas ao foco da psicoterapia, ao relacionamento entre terapeuta e paciente e à redefinição do que vem a ser a doença.

Assim, o foco da ação terapêutica passa para os processos mentais e enfatiza-se os processos microssociais. A terapia microssocial, sob influência construcionista tira o foco da pessoa, suas cognições e constructos individuais e insere seu discurso em uma visão da linguagem como processo social. Outros conceitos passaram a ser utilizados na prática psicoterápica, como os de narrativas (Gergen & Gergen, 1983; Anderson, 1997; Bakhtin, 1997) e posições (Gergen, 1997).

construções sobre doença e cura, as implicações destas, e a possibilidade de construções alternativas, reconhecendo a participação do terapeuta e do cliente na cultura.

Estas mudanças propostas na prática psicoterápica estimulam conversações dialógicas, nas quais, através do cultivo da curiosidade (Gergen & Kaye, 1998), da reflexividade (Andersen, 1999), do partilhar os pensamentos com o cliente (Cecchin, 1998; Lax, 1998), da introdução da diferença e da proposição de novas formas de descrição dos eventos (Fruggeri, 1998), busca-se a construção de novas narrativas no processo de produção do *self*.

Contudo, o que importa no processo psicoterápico não são apenas as formas alternativas surgidas no diálogo com o outro mas também o aparecimento de uma nova ordem de sentido em tais possibilidades. Neste processo, a ênfase não está posta na produção de mudanças, mas antes de tudo, na abertura de espaços para conversação. Para isso é necessário, segundo Gergen e Kaye (1998), um diálogo transformador em que se negociem novos entendimentos, bem como premissas a respeito do sentido.

Para Anderson, o resultado de uma terapia exitosa está relacionado à liberdade e esperança promovidas pela sensação de auto-agenciamento (*self-agency*) na produção das narrativas de *self*. Tal sensação pode ser produzida através da construção de novas narrativas em primeira pessoa que permitam o contar de “uma nova história que seja mais tolerável, coerente, e contínua com a intenção presente” (1997, p. 231).

### O Construcionismo no Campo da Psicoterapia de Grupo

Apesar das inúmeras contribuições que têm ocorrido no campo da psicoterapia individual, e especialmente da psicoterapia familiar, referentes às implicações das concepções construcionistas para a prática psicoterápica (Anderson: 1997; Friedman, 1993; McNamee & Gergen,

Estudando um grupo de portadoras do HIV (Rasera, 1997), as diversas concepções produzidas pelos construcionistas (Davies & Hargrave, 1997; Spink, 1999), puderam ser utilizadas para as concepções redimensionam e redefinem a descrição da prática grupal. A prática grupal é concebido como algo existindo antes da prática, mas como algo construído no processo de diálogo e do discurso social. Para os construcionistas, o grupo como um todo é privilegiado de construção e de transformação no processo uma vez que ele possui uma estrutura no plano o aspecto dinâmico, relacionado ao processo de negociação e de transformação da vida entre os participantes.

Em nossa leitura socioconstrucionista da prática de grupo, enfocamos o processo de construção dos participantes, buscando compreender como os participantes desconstruídos alguns significados e como são construídas novas narrativas sobre a vida e as condições de existência. Nesse grupo enfatizamos o processo de construção, no qual a análise do dialogismo construcionista constitui um aspecto central no plano as múltiplas relações dialógicas entre os interlocutores e dando voz aos participantes que defrontam na psicoterapia de grupo, a partir desta perspectiva, concretamente a um conjunto de questões marcadas pelo conjunto de interações e no dizer dos interlocutores e p

### Análise de uma Sessão de

A partir das proposições construcionistas utilizaremos de fragmentos de uma sessão para exemplificar algumas implicações do construcionista para o estudo da prática de grupo.

participava pela segunda vez e Carlos, pela primeira. Nesta sessão, Marcos chega atrasado. Há uma tensão entre os participantes que negociam ativamente suas diferentes descrições do viver com HIV/aids, pautados por uma lógica de culpabilização/vitimização.

Metodologicamente, a análise foi marcada pela operacionalização dos conceitos de dialogismo e posicionamento, centrais para uma pesquisa/prática inspirada no construcionismo. Esta operacionalização se reflete nos seguintes passos:

- 1) Leitura exhaustiva da transcrição da sessão escolhida;
- 2) Análise seqüencial de todo o material transcrito: inicialmente, resumimos a transcrição da sessão, mantendo o número de turnos, de falas de cada participante durante a mesma. Então, colorimos as falas de cada participante com uma cor, possibilitando visualizar de forma global as seqüências das falas dos participantes, a interação entre eles.
- 3) Construção de eixos processual e temático: a partir das leituras construímos eixos de análise que permeavam a construção dos sentidos nos diversos momentos da sessão: eixos processual e temático. Este último se refere ao objeto de discussão das conversas grupais, os conteúdos, os assuntos, os sentidos. O eixo processual se refere ao ato que tal discussão promovia, ou seja, aproximação, distanciamento, atenção, indiferença entre os participantes. A análise através do eixo processual fez nascer um sentido outro para as diversas temáticas desenvolvidas na sessão.

- 4) Construção de delimitações temáticos-seqüenciais: as delimitações temático-seqüenciais constituem recortes seqüenciais de momentos da interação grupal que indicavam como se davam algumas formas de construção dos sentidos. Eles eram marcados por uma temática e uma duração no tempo. Cada momento consistiu de um conjunto de enunciados no qual havia uma disputa pelos sentidos que determinada questão trazia, produzindo uma ampliação ou restrição dos significados até ali enunciados.

material e da análise seqüencial, construímos um processo processual denominado ‘negociação da questão’. Os eixos temáticos denominados ‘ser’ e ‘fazer’ foram ‘encontrar apoio’. Concomitante à criação da sessão foi delimitada em 10 momentos. A restrição de espaço, apresentaremos os momentos significativos na interação grupal por posicionar o dialogismo intra e inter momentos da sessão e o jogo de posicionamentos em diferentes momentos.

## Momento 1

### O Estranho que Chega

Este é o momento inicial do grupo. No momento presentes o terapeuta, Carlos, Ana e Marcos. Neste momento é realizado o contrato no grupo. Neste momento as possibilidades narrativas do grupo são estabelecidas. No estabelecimento do contrato, Carlos se apresenta como Carlos-que-sabe-tudo-de-tratamento e Carlos-que-foi-expulso-de-um-serviço de saúde mental.

“Conheço este tipo de trabalho. Eu já fui internado no psiquiátrico da região), eu já fui internado aqui, então eu conheço tudo o trabalho dos outros, eu conheço tudo”

“Só me expulsaram de lá porque um rapaz ficou do meu lado. Levantou. Aí eu peguei e não ia deixar pegar eu não. Aí eu peguei e não ia deixar dentro. Aí eles expulsaram eu de lá.”

Sinal de ameaça ao grupo que faz com que eles perguntem: com quem é possível trabalhar? O que trabalhamos aqui? De que forma é feito o contrato, especificando algumas características do trabalho e das pessoas ali envolvidas.

“O que a gente fala? No que que eu preciso de um grupo para pessoas portadoras do HIV? A gente conversa? Geralmente, sobre a vida, sobre o que que ela tem, o que que a questão do HIV na vida das pessoas né. Então aqui acaba sendo essas pessoas conseguem falar um pouco mais sobre a vida delas.”

já ouvidas por eles em suas vidas, em outros atendimentos grupais do terapeuta e em outros atendimentos nos quais Carlos participou. A dialogia que articula diferentes vozes das múltiplas experiências dos participantes e dos contextos extra-grupais.

Há um duplo sentido no contrato proposto pelo terapeuta, a partir da fala de Carlos e da reação dos outros participantes em relação a ele: aproximação das diferenças, facilitando a interação entre os participantes e afirmação de uma distinção entre Carlos e os outros do grupo. Este contrato contribuirá na determinação das possibilidades de outras descrições sobre o viver com HIV para os participantes.

## **Momento 6**

### **A Diferença Explicitada: Guinada na Sessão**

Até este momento, passada mais da metade da sessão, se produziu a aproximação de Marcos, Maria e Ana, através da semelhança do posicionamento de vítimas frente à vida com aids. A inserção de Carlos na sessão tem sido dificultada pela posição contrária sustentada por este. Conversam, neste momento, sobre o apoio familiar e a revelação da soropositividade. A partir dos comentários de Ana sobre a falta de apoio do ex-marido, e seu isolamento social, Carlos-responsável se posiciona quanto à revelação da soropositividade:

“Eu vou ser sincero, eu, aonde eu moro ali, todo mundo sabe que eu tenho. Eu nunca menti pra ninguém, eu falei ‘eu tenho, eu portei, eu procurei, e eu vou assumir’”.

Fala que, em um jogo de posicionamentos, faz dos outros participantes do grupo, que não revelaram o status de soropositividade, serem considerados irresponsáveis. Tensão na sessão. Necessidade de combater determinados sentidos decorrentes da fala de Carlos.

“Mas aí a gente tem criança pequena, os filhos da gente também podem sofrer”. (Maria, em tom confrontativo)

“Isso...” (Ana fala ao mesmo tempo)

“Os meus filhos todos sabem que eu tenho a doença”. (Carlos)

infecção. Neste momento, elas assumem a posição de vítimas (mulheres-que-transmitem) e de culpadas (mães-que-transmitem). O posicionamento frente à infecção varia entre as relações (marido-mulher x mãe-filho) e as posições (vítima x culpada). Na sessão, há uma transição de posições na dialogia.

## **Momento 8**

### **O Estranho em Nós**

Decorrente da conversa sobre a soropositividade, no momento da discussão da questão da cura da aids, o que é o maior. O terapeuta tenta aproximar Carlos. No momento oito, ele investiga e questiona: “é viver sabendo que essa doença vai continuar?”

Surge então, Carlos-com-vitima, a discussão do processo desta sessão como um processo de vitimização de Carlos.

“(...) eu tenho pouco tempo de vida”.

Quer dizer, então agora, tá na minha vida, tô vivendo o meu dia-a-dia, e eu não quero, grande sorriso e agradeço a Deus por isso”

Ao mesmo tempo, surge a discussão retomando-se alguns sentidos da sessão, como Marcos-culpado:

“A maior pessoa culpada é o Marcos”.

“(...) eu olhava pra ele [Carlos] e eu dizia: Deus tá me castigando tanto, tá me castigando tudo isso? Descobri na minha vida que eu tenho o HIV, meu filho”. (Ana)

“A gente se culpa né ... a gente se culpa, passa a gravidez inteira se culpando”. Ao longo da sessão, há uma transição de posições entre os participantes: a vitimização de Carlos e a culpabilização dos outros. O desconforto, o questionamento da relação às narrativas de Carlos e a discussão da sessão, parecem agora tar-



### A Atenção à Negociação e à Construção dos Participantes

Comparativamente a outras formas de pensar e intervir em grupo, esta forma de análise permite substituírmos uma ênfase unitária, seja no indivíduo, seja no grupo, por um reconhecimento da multiplicidade. Assim, o entendimento do que ocorre no grupo não precisa ser buscado nas realidades mentais de cada participante do grupo, nem em um movimento grupal, resultado de algum processo que o transcende.

O foco no processo comunicacional aproxima o movimento grupal do movimento discursivo, ou seja, o entendimento do grupo decorre do acompanhar as suplementações que ocorrem a partir da expressão de cada participante. Este acompanhar as suplementações se traduz em uma postura de atenção à negociação dos sentidos e das diferenças na conversação.

Esta atenção à negociação mostra como os sentidos são determinados pelos lugares de cada participante na sessão e pela significação social das versões e descrições aí negociadas. O foco se torna a dialogia existente nesta produção de sentido que se presentifica pelas vozes sociais, pelos diferentes discursos que povoam a realidade que vivemos. O grupo é, assim, entendido como constituído de inúmeras conversas que se dão intra e interlocutores, bem como com os discursos sociais mais amplos.

Esta forma de pensar grupo o situa dentro das possibilidades e limites dos repertórios sociais de descrição da realidade, tornando a prática grupal mais sensível a estes repertórios que atravessam o grupo, tirando de foco seja o indivíduo, seja o grupo, como realidade privilegiada. A ênfase está voltada para o processo de construção da realidade e de si mesmo através das possibilidades de negociação existentes nas relações grupais.

Assim, associada a esta postura de atenção à negociação, à ênfase na dialogia, está a análise da construção das pessoas através de sua participação no grupo, ou seja, os diversos posicionamentos tornados

Contudo, ele também coloca os outros nessas posições. No momento 6, ele posiciona-se e os outros revelaram publicamente a soropositividade e se tornaram irresponsáveis. Este processo de posicionamento demanda negociações. Os outros participantes também neste posicionamento.

Nos diferentes momentos podemos observar uma mudança de posicionamento. Carlos passa de responsável pela prevenção da infecção pelo HIV para uma posição de vulnerabilidade, espera a morte, da qual nada depende.

É a interação com o outro que produz a descrição de *self* seja estabilizada ou em transformação. Os relacionamentos e se transforme em outros. Nestes momentos da sessão podemos observar uma mudança de posicionamento e as possibilidades de descrição de si, outras para si e para a vida com HIV se fazem presentes na sessão.

Através desta análise podemos concluir:

- a) uma sessão de grupo é marcada por negociações entre seus participantes;
- b) a possibilidade de negociação entre as descrições do *self* e da vida é marcada por um lugar nelas embutido e pela posição ocupada pelo participante na sessão;
- c) a homogeneidade grupal, antes da intervenção do organizador da composição do grupo, é modificada na interação grupal;
- d) as intervenções de cuidado ao paciente estão vinculadas a processos sociais mais amplos e à discriminação existente em torno da doença.

### Outros Desenvolvimentos

Este texto esboça algumas ideias para o pensamento construcionista para o trabalho em grupo, apontando para o caráter construtivo do seu processo de negociação, a perspectiva

continuidade-descontinuidade, devem ser construídos para que se estude a dialogia da produção de narrativas do *self* ao longo de um conjunto de sessões e se compreenda a articulação complexa entre os tempos da intervenção grupal e da produção do *self*.

Além disso, questões ainda por serem desenvolvidas em uma abordagem construcionista no campo da psicoterapia individual e familiar, também o são na psicoterapia de grupo, tais como a transferência dos ‘efeitos terapêuticos’ para outros contextos, a ética das descrições produzidas nas sessões, e a política das relações entre terapeuta e participantes e destes entre si. No estudo dos grupos, outras concepções clássicas, como as de cultura grupal e desenvolvimento do grupo, podem ser problematizadas. Além disso, desenvolvimentos teóricos que produzam conceitos que norteiem as intervenções do terapeuta para o manejo de negociações entre vários participantes ao mesmo tempo, como ocorre no contexto da psicoterapia de grupo, permanecem como desafio para novos desdobramentos.

## Referências

- Andersen, T. (1999). *Processos reflexivos* (R. M. Bergallo, Trad.). Rio de Janeiro: Instituto NOOS/ITF.
- Anderson, H. (1997). *Conversation, language and possibilities*. New York: BasicBooks.
- Bakhtin, M. (1984). *Problems of Dostoevsky's poetics* (C. Emerson, Trad.). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bakhtin, M. (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem* (M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo: Hucitec.
- Cecchin, G. (1998). Construindo possibilidades terapêuticas (C. O. Dornelles, Trad.). Em S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 106-116). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Davies, B. & Harré, R. (1990). Positioning selves. *Journal for the Theory of Social Change*, 1, 43-63.
- Friedman, S. (Org.) (1993). *The new language of psychoanalysis*. New York: Basic Press.
- Fruggeri, L. (1998). O processo terapêutico e a mudança (C. O. Dornelles, Trad.). Em S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 117-130). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gergen, K. J. (1985). The social construction of psychology. *American Psychologist*, 40, 26-35.
- Gergen, K. J. (1997). *Realities and relationships*. New York: Basic Press.
- Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social construction*. New York: Basic Press.
- Gergen, K. J. & Gergen, M. M. (1988). *The social construction of reality*. In J. W. Worell (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (Vol. 21, pp. 1-62). New York: Academic Press.
- Gergen, K. J. & Kaye, J. (1998). Além da terapia (C. O. Dornelles, Trad.). Em S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 131-144). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Goolishian, H. A. & Anderson, H. (1999). Os pós-modernos da psicoterapia (J. Worell, Trad.). Em S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), *Novos paradigmas da psicoterapia* (pp. 1-16). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lax, W. (1998). O pensamento pós-moderno (C. O. Dornelles, Trad.). Em S. McNamee & K. J. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 86-105). Porto Alegre: Artes Médicas.
- McNamee, S. & Gergen, K. J. (Orgs.) (1999). *The social construction of reality* (C. O. Dornelles, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Owen, I. R. (1992). Applying social construction to counselling. *Counselling Psychology Quarterly*, 5, 38-43.
- Rasera, E. F. (1999). *Grupo de apoio para pessoas com deficiência*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, SP.
- Spink, M. J. P. (Org.) (1999). *Práticas discursivas e terapêuticas*. São Paulo: Cortez.